

PERSPECTIVAS PARA O AGRIBUSINESS EM 2009 E 2010

Crise reduz ímpeto, e não interrompe
escalada do agronegócio brasileiro

BM&FBOVESPA

A Nova Bolsa



APRESENTAÇÃO

Muitas turbulências no curto prazo, como consequência da tempestade global, mas céu de brigadeiro na retomada do crescimento, quando a nova ordem mundial oferecerá grandes oportunidades para o agronegócio brasileiro.

Este cenário foi quase consensual entre os especialistas que participaram do seminário Perspectivas para o Agribusiness em 2009/2010, evento promovido pela BM&FBovespa no dia 5 de maio último em São Paulo, com o apoio do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), da Associação Brasileira de Agribusiness (Abag) e da Bolsa Brasileira de Mercadorias.

Para os técnicos e analistas presentes no evento, 2009 é página virada, o estrago está consolidado e o crescimento do País e do mundo será próximo de zero ou até negativo. Mas, apesar da crise e das incertezas em relação ao comportamento da economia nos próximos anos, as projeções apresentadas mostram que o agronegócio brasileiro deve seguir sua trajetória de crescimento.

Na abertura do evento, Edemir Pinto, diretor-presidente da BM&FBovespa, e Luís Carlos Guedes Pinto, vice-presidente de Agrobusiness do Banco do Brasil, assinaram protocolo de intenções, com o objetivo de ampliar os mercados de derivativos agropecuários no País.

Para assistir à íntegra do Seminário acesse:
www.bmf.com.br/portal/pages/imprensa1/destaques/2009/maio/seminario.asp

ÍNDICE

É hora de continuar crescendo	19
Drenagem de recursos	20
Os desafios do agronegócio	21
Cenários da macroeconomia e do agronegócio	22
MERCADO FUTURO	
Novos produtos para o agronegócio	24
GESTÃO DE RISCOS	
Prudência e sabedoria no uso dos derivativos	25
PLANO AGRÍCOLA	
Meta é garantir bom volume de crédito	26
SOJA	
Quebra da safra reduz os estoques	27
MILHO	
Tendência é de alta	28
ALGODÃO	
Menor oferta pode elevar preço	29
AÇÚCAR E ÁLCOOL	
Boas perspectivas no médio prazo	31
CAFÉ	
Consumo pode crescer 1%	32
PECUÁRIA	
Cresce o confinamento	34
TENDÊNCIA	
O novo eixo da economia mundial	35

Fotos: BM&FBovespa



É hora de continuar crescendo

Edemir Pinto*

Esta é oitava edição do Seminário Perspectivas para o Agronegócio, que se tornou o mais tradicional encontro para debate das perspectivas para o agronegócio no Brasil. Temos convicção de que o sucesso e a relevância deste seminário se devem à parceria que estabelecemos desde o seu início com o Ministério da Agricultura, com a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo e a Abag. Mais uma vez, somos gratos a todos pelo apoio.



No dia 8 de maio de 2008, os acionistas aprovaram a união das Bolsas, concluída em assembléia realizada em 28 de novembro de 2008. Esses últimos 12 meses foram de intensa atividade, não só por conta da integração, mas também para a preparação de novos produtos e serviços. Isso sem falar na crise nos mercados, certamente a maior em várias décadas.

No último dia 28, os acionistas da Bolsa elegeram um novo Conselho de Administração, que tem o economista Arminio Fraga como presidente. A presença de uma figura como Arminio à frente do Conselho da Bolsa, com toda a sua experiência e conhecimento sobre os mercados é uma vitória não só para os acionistas da BM&FBovespa, mas para todo o País.

Essa contribuição virá em um momento importante porque essa crise não teve só aspectos negativos, como, aliás, ocorre em toda crise. Esse colapso nos mercados mostrou que o Brasil ocupa posição de liderança global em se tratando de sistemas de liquidação, garantias e custódia. Nossa regulação se mostrou superior. Nosso sistema financeiro se mostrou robusto. Bons fundamentos macroeconômicos e instituições sólidas tornaram o Brasil um exemplo em meio a um turbilhão sem precedentes nos mercados. Podemos dizer sem receio que a BM&FBovespa enfrentou essa prova de fogo mais forte do que nunca. E agora é hora de continuar crescendo.

A Bolsa seguiu seu caminho de inovação. Gostaríamos de destacar a conclusão da completa eletronificação dos mercados de futuros, com a integração de nosso sistema de negociação com a Globex, a plataforma do CME Group e a maior do mundo em negócios com derivativos. Acabamos também de divulgar a conexão do sistema GTS, que é nossa plataforma de negociação de futuros, com a Bloomberg Tradebook.

Ainda em maio, implantaremos uma nova versão do sistema eletrônico de negociação Mega Bolsa, que passa a ter maior velocidade e menores custos. Em junho, vamos lançar a Rede de Comunicação BVMF, que complementará os serviços oferecidos pela Rede de Comunicação da Comunidade Financeira, atualmente a única alternativa de conexão aos sistemas eletrônicos de negociação e de back-office da Bolsa.

Também em junho, vamos entregar a conexão do GTS ao sistema internacional de roteamento de ordens da GL Trade, rede utilizada por mais de 700 instituições de mercado para dar ordens de compra e venda em 70 bolsas do mundo, e a oferta de serviços de *colocation* pela Bolsa, que começará no segmento BM&F. Assim que os investimentos para o aumento de capacidade da *clearing* de ações estiverem concluídos, o *colocation* será estendido ao segmento Bovespa. A *clearing* de ações passará, a partir de agosto, de uma capacidade de 770 mil negócios/dia para 1,5 milhão de negócios/dia.

Em julho, as empresas provedoras de serviços de DMA serão autorizadas a realizar conexões de negociação com o sistema Mega Bolsa, dos mercados Bovespa. E, até o final deste ano, vamos implantar uma nova interface de comunicação que permitirá, por meio de uma única tela, que corretoras e investidores possam ter acesso aos dados dos mercados Bovespa e BM&F. A globalização, para a BM&FBovespa, deixou de ser uma figura de retórica.

No segmento do agronegócio, lançamos o novo contrato de milho com liquidação financeira e oferecemos, pela primeira vez no mundo, contratos de base ou diferencial de preços do milho. Isso permite a integração do mercado de milho nacional. Estamos estudando também um novo contrato de álcool hidratado, e convidamos toda a cadeia produtiva do álcool para participar desse debate.

Lançaremos no segundo semestre um contrato de opção flexível de soja para ser negociado no mercado de balcão, em parceria com o Banco do Brasil. Aliás, assinaremos neste seminário a renovação do protocolo entre a Bolsa e o Banco do Brasil para a expansão dos mercados agropecuários. Vamos superar em 2009 a marca de 1.000 profissionais do Banco do Brasil treinados pelo Instituto Educacional da Bolsa.

A Bolsa Brasileira de Mercadorias, na qual temos participação, oferecerá no segundo semestre a BBMNet, a mais completa plataforma eletrônica para a licitação de compras pelos órgãos públicos. É a tecnologia que favorece a concorrência e a redução dos custos das empresas e órgãos públicos. Tornamos nossas tarifas de negociação mais competitivas e passamos a cobrar por serviços que antes eram subsidiados, o que vai gerar mais liquidez e negócios para nosso mercado.

Nem por um momento a crise nos intimidou. Mesmo no auge da turbulência dos mercados em 2008, iniciamos um novo módulo de nosso programa de popularização, o BM&FBovespa Vai ao Campo, que visita importantes cidades do nosso agronegócio para difundir os conceitos de investimento a longo prazo.

O programa de popularização iniciado pela Bovespa em 2003 multiplicou por dez a quantidade de pessoas físicas que investem em ações. Já são quase 600 mil investidores. E educou esses investidores, que mesmo no ápice da volatilidade em 2008, evitaram tomar decisões precipitadas.

Lançamos um programa de relacionamento com as empresas, listadas ou não em Bolsa. É o BM&FBovespa Empresas. Vamos visitar as companhias e mostrar que a Bolsa é a melhor plataforma para captar recursos, crescer e gerenciar riscos. Temos soluções integradas que proporcionam garantia e proteção para os negócios. Vamos lançar o Hegde sob Medida. As empresas poderão realizar suas operações no mercado de balcão com toda a transparência proporcionada pelos sistemas da BM&FBovespa.

O dinamismo e a busca constante pela inovação continuarão a pautar o nosso dia-a-dia. Queremos atender melhor o mercado, sermos mais competitivos, termos os melhores produtos e serviços. Para isso, queremos uma conexão e uma proximidade permanente com as comunidades: corretores, investidores, empresas, acionistas, analistas, autoridades, reguladores, estudantes e jornalistas. Essa sintonia fina fez da BM&FBovespa uma das maiores bolsas do mundo, orgulho para o Brasil e para os brasileiros.

* Diretor-presidente da BM&FBovespa.

Drenagem de recursos

Carlo Lovatelli*

Como nossa versão brasileira do Fórum Outlook, do Departamento de Agricultura dos EUA, a Perspectiva para o Agribusiness é uma realização inteligente e importante para todos nós que atuamos e desejamos o desenvolvimento desta importante atividade da economia nacional. A Associação Brasileira de Agribusiness celebra com muita consciência e profundo respeito a sua presença neste fórum, como parceira e apoiadora, pela sexta vez consecutiva.

Somos uma entidade que desde seu início reconheceu a relevância de compartilharmos informações e análises, ainda mais diante do cenário de incerteza, criado há oito meses, com a crise financeira nos EUA, que se alastrou de forma intensa no mundo.

Temos dois triênios distintos, com uma dicotomia clara entre eles. O primeiro, entre 2003/4, 2004/05 e 2005/06, com seca, doenças como a ferrugem da soja, e preços internacionais em baixa. As sequelas deste período desfavorável persistem até os dias de hoje. O segundo, 2006/07, 2007/08 e 2008/09, de mercado mais aquecido devido principalmente a fatores especulativos do que fundamentais. Houve muita migração de

investimento de *hedge fund* nas *commodities* agrícolas, que aqueceram os preços.

Entre março e junho do ano passado, as cotações de milho, soja e trigo, por exemplo, as três principais *commodities* agrícolas na Bolsa de Chicago, alcançaram patamares sem precedentes. A bolha especulativa, que inflou espetacularmente a partir de setembro de 2007, anabolizada também pela febre do etanol nos EUA, perdeu força no segundo semestre 2008. A quebra do Lehman Brothers, em outubro, passou a ser a data emblemática da crise instalada em escala global. O ritmo dos negócios caiu bastante.

A crise financeira internacional cresceu justamente quando o Brasil plantava a safra 2008/09. O impacto não foi mais intenso porque houve muita compra antecipada de insumos, com os preços estimulantes da época. Isso garantiu um padrão tecnológico para a produção. A colheita, de 136,5 milhões de toneladas, é a segunda maior da história. O resultado é satisfatório para este exercício, mesmo com o leve recuo ocorrido na área plantada, pois a produção garante o abastecimento interno sem pressionar a inflação, e é suficiente para manter as exportações. Então, como fica o cenário para a safra 2009/10?

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) calcula uma necessidade de capital de giro da ordem de R\$ 150 bilhões. Existem sinalizações não oficiais para R\$ 100 bilhões. Aí estão o calcanhar de Aquiles do setor e o grande desafio da política agrícola. Apesar da capitalização e maior capacidade de autofinanciamento, a agricultura necessita bastante de recursos de terceiros.

Existem alguns pontos positivos: a menor pressão do custo de produção, com menores valores dos fertilizantes e um possível corte no preço do diesel; maior taxa na exigibilidade, que passou de 25% para 30% dos depósitos à vista, e de 65% para 70% da caderneta de poupança rural; a taxa Selic mais baixa permitirá uma menor taxa de juro no crédito rural; a ascensão dos novos títulos negociados pela BM&FBovespa.



Tivemos o providencial pacote de ajuda à agroindústria, anunciado pelo governo, de R\$ 12,6 bilhões, destinados a uma linha de crédito para agroindústrias, indústrias de máquinas e equipamentos agrícolas e cooperativas agropecuárias. Como financiam os produtores, com antecipação dos recursos para custeio ou aquisição de insumos, a irrigação de capital de giro às indústrias traz uma espécie de “efeito cascata”, com benefícios para os produtores das cadeias produtivas.

Resta aguardar a chegada efetiva dos recursos na ponta tomadora. Existe todo o trabalho de operacionalização das normas, como a análise de risco e a definição das garantias. É um trabalho burocrático que sempre demanda tempo. Algumas medidas complementares poderão ajudar, como a revisão de garantias bancárias, flexibilidade aos que renegociaram dívidas, e preços mínimos compatíveis aos custos de produção.

Diante da situação delicada de escassez de crédito e liquidez, com ajustes, os números para o financiamento poderão ficar melhores que os previstos no início do ano. Na Abag, acompanhamos de perto duas reformas políticas:

- O Código Ambiental, para dar uma ordem jurídica em termos fundiários e ambientais para a agricultura. Chegamos a uma situação dramática de falta de sintonia entre a legislação e a realidade do campo;
- A mudança no sistema nacional de crédito rural em vigência há mais de 40 anos e completamente dissociado das cadeias produtivas do agronegócio.

* Presidente da Associação Brasileira de Agribusiness (Abag).

Os desafios do agronegócio

Reinhold Sthephanes*

As perspectivas para o agronegócio nos próximos anos são positivas. Se as condições climáticas não atrapalharem, a previsão é de um resultado positivo de 3% a 4% ainda neste ano. A população mundial precisa se alimentar e um dos únicos países com respostas positivas para as projeções agropecuárias é o Brasil.

Os efeitos da crise não foram tão significativos para a agricultura como se previa inicialmente. Os preços estabilizaram-se em patamares mais baixos ao de um ano atrás, mas acima dos padrões históricos. As secas provocaram quebras nas colheitas do Paraná, Uruguai e na Argentina. O recente estudo da Embrapa sobre mudanças climáticas mostra que algumas regiões terão problemas pela frente.

O sistema de crédito rural não vai oferecer o montante demandado pelo setor. Não discordo das estimativas da Abag, mas há dificuldade para chegar àqueles números. O governo esta



preocupado em fazer com que as recentes linhas de crédito disponibilizadas para a agroindústria cheguem ao tomador. Apesar da aprovação pelo Conselho Monetário Nacional da liberação de linha de crédito para a agroindústria, nem todos que precisam do dinheiro para manter as atividades têm tido acesso aos recursos.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que não quer mais reunião sobre o assunto, mas uma solução. Na sua visão, o momento é de anormalidade e exige maior disposição dos agentes financeiros para correr risco. Embora o endividamento seja um assunto recorrente no setor, o assunto mais discutido nos recentes eventos voltados ao *agribusiness* diz respeito às alterações no atual Código Florestal.

A reformulação é urgente para que as consequências não alcancem às pequenas comunidades. Se os ajustes não forem feitos, 1 milhão de agricultores pode abandonar suas propriedades, pois perdem o direito de produzir. Ao longo do tempo foi construída, mas pouco debatida, uma legislação que ninguém consegue mais ver, interpretar e dimensionar.

Existe uma falta de sintonia entre a legislação e a realidade do campo. Dois pontos principais precisam ser modificados: a permissão do plantio em várzeas, encostas e topos de morros em áreas já consolidadas com produção e a inclusão das áreas de conservação às margens dos rios à percentagem exigida de reserva legal.

O importante é que esse processo seja conduzido com racionalidade e apoio tecno-científico, de modo a corrigir os erros do passado. Se é necessário um consenso entre os Ministérios da Agricultura e do Meio Ambiente, o produtor, que seguirá a legislação, deverá participar da sua formação. Lutar pelo meio ambiente é diferente de entender as questões ambientais. O mundo todo planta em área de várzea. Desse jeito, o Brasil im-

portará arroz sem saber a qual preço, pois o cereal não é uma *commodity* e não há mercado internacional.

Se todas as áreas protegidas pelas leis ambientais atuais e as que estão em estudo para o futuro, o País terá de agregar território de alguma nação vizinha para produzir. Mais de 80% do território nacional estarão congelados para o uso agrícola convencional.

Temos desafios e as iniciativas a serem tomadas em cinco questões-chave:

1. Pesquisa: precisamos manter a liderança na tecnologia, por meio de mais recursos para a pesquisa. O governo disponibilizou R\$ 1 bilhão adicional à Embrapa, criando mais três unidades: Mato Grosso, Tocantins e Maranhão

2. Defesa sanitária: questões com a China, União Européia, o Chile, os EUA, a África do Sul e o Japão estão sendo resolvidas. A melhor notícia está na previsão de o País ficar livre da febre aftosa em 2010. Isso abrirá muitos mercados para as exportações.

3. Política de crédito: o governo busca uma saída para a questão do endividamento rural, mas uma solução definitiva passa pela reformulação de todo o sistema de crédito rural. Precisamos pensar uma política que englobe financiamento, preços mínimos e seguro rural.

4. Infraestrutura: os estados fronteiriços sofrem mais do que os costeiros. A distância dos portos inviabiliza as exportações de milho para algumas regiões do Centro-Oeste. A morosidade nas concessões das licenças ambientais dificulta os programas de embarques. Muita eficiência no “dentro da porteira” é perdida fora dela.

5. Insumos: precisamos diminuir a dependência externa de fertilizantes. O Brasil é o único dos grandes produtores agrícolas com nível tão alto de dependência em relação aos fertilizantes importados: 90% no potássio e 70% nos nitrogenados.

A produção mundial dessas matérias-primas é dominada por poucas empresas, com atuação cartelizada. Em relação aos nitrogenados, com os trabalhos desenvolvidos com a Petrobras, o auto-abastecimento será alcançado em prazo mais curto. Nos fosfatados, levantamentos apontam grandes jazidas prontas para serem exploradas, mas por motivos de diversas ordens, decretos suspenderam a sua lavra há mais de 30 anos. Mato Grosso, principal pólo agrícola do país, conta com as maiores jazidas de fosfato do território nacional. No Pará, a Vale do Rio Doce tem enorme jazida. Em Iperó (SP), também há outra, em área de floresta ativa.

Quanto ao potássio, em Nova Olinda, Amazonas, há a terceira maior mina do mundo, e é possível encontrar outras jazidas em Sergipe e no Espírito Santo. Com minas bem distribuídas e prontas para explorar, se o Brasil buscar maneiras para fazer a exploração, chega a auto-suficiência em dez anos no potássio, em oito anos no fósforo e cinco anos nos nitrogenados.

Cenários da macroeconomia e do agronegócio

Octavio de Barros*

O tema do descolamento da crise, de palavra maldita virou uma realidade inequívoca. Poucos países, e o Brasil é um deles, têm capacidade de sair mais rapidamente da crise. O Brasil não dispõe mais recursos com os países emergentes. Estamos na mais sincronizada recessão global. Os motores da economia foram desligados no último trimestre do ano passado e só agora começam a pegar no tranco.

O crescimento previsto para economia global em 2010 é de apenas 2%, um dos mais baixos da história. Quanto a 2009, ninguém duvida mais que haverá uma queda de 0,9%. O número é consenso, ninguém mais revê a previsão de 2009. Por alguns anos, estaremos crescendo abaixo da média histórica por razões óbvias.

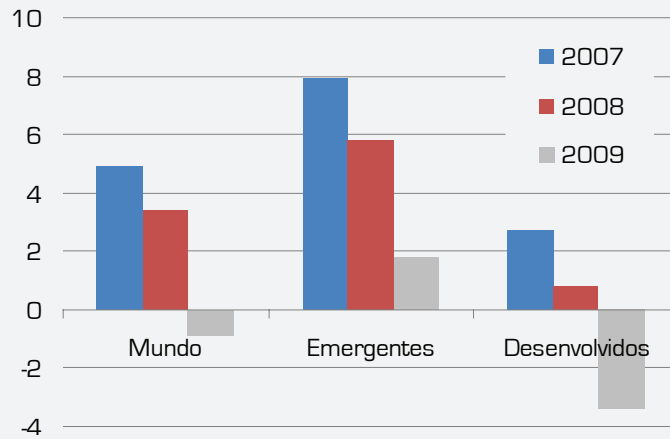
No resumo da ópera, os emergentes crescem em média 1,8% este ano, os desenvolvidos têm queda média de 3,4% e o mundo, de 0,9%. O fogo se alastrou. Entramos num círculo vicioso, pois sem confiança não há crédito, sem crédito não há confiança. Não é uma desglobalização, como prevê *The Economist*, mas estamos sim construindo uma globalização mais disciplinada.

Mas a crise não muda a trajetória dos países emergentes mais vibrantes. Os países maduros estão perdendo espaço para os emergentes. Daqui a seis anos, portanto amanhã, o PIB dos países emergentes superará o dos países desenvolvidos. A contribuição para o crescimento global estará nos países emergentes como o Brasil. Eles já respondem por 85% da população mundial. Isso reforça a tese das novas locomotivas. A principal delas é a China, que no ano 2021 supera o PIB americano.

Vamos ver quem é quem daqui para a frente. Não há como imaginar que a recuperação da economia global virá dos Estados Unidos. Se isto acontecer, de nada terá servido esta crise. O consumo americano despenca e a prioridade das famílias americanas é agora a poupança.



* Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Crescimento mundial [%]

Fonte: FMI. Elaboração e projeção: Bradesco

Os mercados iniciaram a recuperação a partir de 9 de março de 2009. Há indícios de retomada do crescimento. Mas os efeitos cumulativos de política fiscal e monetária ao redor do mundo ainda vão ser sentidos. O dinheiro quer voltar a trabalhar. Temos US\$ 1,2 trilhão em caixa nos bancos europeus e americanos. Há alguns sinais de que o fundo de poço já ficou para trás. As vendas de varejo nos EUA pararam de cair.

A China é o nome do jogo. Ela sim está se descolando da crise e pode dar uma colher de chá para os países emergentes. Com a fadiga da crise, o cenário abre oportunidades aos países emergentes, como o Brasil.

O Brasil deve ter crescimento zero este ano, mas para 2010 a perspectiva é de crescimento de 3,5%, o quinto maior do mundo. A confiança está voltando, tanto do consumidor quanto do empresário. A inflação este ano ficará abaixo da meta no Brasil, ao redor de 4%. A taxa de juros continuará caindo, dentro da política anticíclica, quem sabe até abaixo de 9%. Nossa previsão é de 9,25% ao final do ano. O crédito vai crescer, a despeito das dificuldades. Estamos prevendo um crescimento de 12,7%, enquanto o crédito rural deve crescer acima disso, 13,8%, segundo projeções do departamento econômico do Bradesco.

Estamos projetando o dólar a R\$ 2 com viés de abaixo no final de 2009. Se o mundo piorar, o câmbio deprecia-se, se melhorar, o câmbio aprecia-se aqui no Brasil. Tudo o que é bom aprecia o câmbio. Revisamos para cima a nossa projeção para a balança comercial. A agricultura contribuiu muito para isso, assim como a queda nas importações. A magnitude do ajuste do comércio exterior brasileiro - US\$ 110 bilhões entre exportações e importações, traduz bem a dimensão dos negócios perdidos com a crise. Para 2009, estamos prevendo queda de 28,2% nas exportações e de 31,5% nas importações. As exportações do agronegócio serão menos afetadas. Prevemos uma queda de 10%. A China terá um papel decisivo para o bom desempenho do comércio exterior do Brasil. Em abril, as vendas para China representaram 18,1% das nossas exportações, enquanto a participação dos EUA caiu para 10,9%.

Minha visão ainda é positiva. Há muitas dúvidas e incertezas, mas acredito que o processo vai acabar favorecendo o Brasil.

* Diretor de Estudos e Pesquisas Econômicas do Bradesco



MERCADO FUTURO

Novos produtos para o agronegócio

Os produtos agropecuários representam apenas cerca de 5% do mercado mundial de derivativos, e, no Brasil, apenas 0,9%. “Para alcançarmos o tamanho do mercado de derivativos no mercado mundial, nos teríamos que crescer aproximadamente seis vezes”, disse Ivan Wedekin, diretor de Commodities da BM&FBovespa, que falou sobre as novas ações para a expansão dos futuros agropecuários.

Wedekin mostrou a forte queda dos derivativos do mundo de janeiro a abril deste ano como consequência da crise. No café, a queda chegou a 47% e de 67% no algodão. No Brasil, houve um crescimento expressivo da indústria de derivativos agropecuários nos últimos anos, que saltaram de US\$ 10 bilhões em 2005, para US\$ 46,4 bilhões em 2008. Nos últimos meses porém, o número de contratos caiu por conta da crise. O número de contratos recuou de 3,3 milhões em 2008 (de janeiro a dezembro) para 3 milhões nos 12 meses encerrados em abril de 2009. Em valor, a redução foi de US\$ 46,4 bilhões para US\$ 39,7 bilhões.

A Bolsa já negocia 2,2 safras de café, no boi se aproxima de 90% do abate brasileiro, no milho cerca de 20% da safra e 13% na soja. Wedekin anunciou uma alteração do contrato de café, que passa a ser do tipo 4, em vez de 6, tornando-se mais adequado para a exportação.

Em agosto próximo, a BM&FBovespa pretende lançar um contrato de opção flexível de soja registrado no mercado de balcão. Um dos objetivos é dar ao produtor uma alternativa mais simples de seguro de preço.

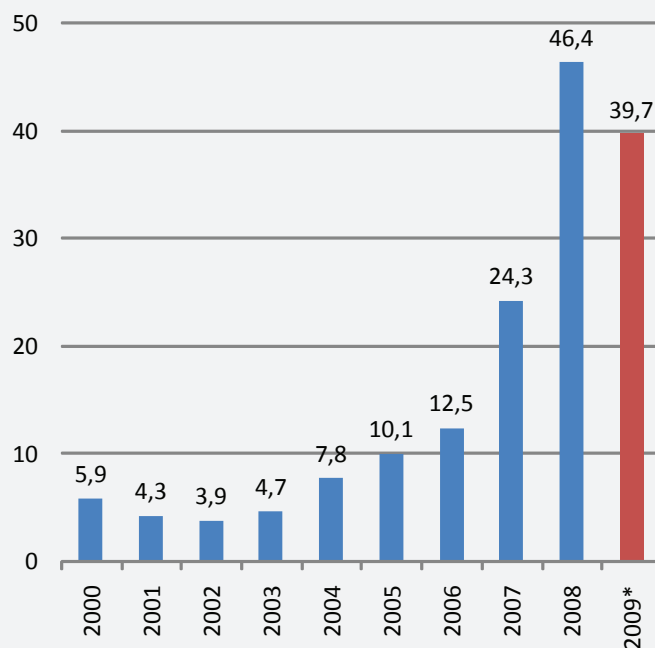
“O novo modelo terá liquidação financeira com base no preço futuro da soja em Paranaguá, data predefinida para o exercício da opção pelo produtor, tamanho livremente pactuado entre as partes, inclusão ou não de garantias”, informou Wedekin.

Na safra 2009/10, o Banco do Brasil começará a acoplar esse contrato aos financiamentos rurais. O Banco venderá ao agricultor uma opção com dois objetivos: reduzir o seu risco de preço e gerir o risco de sua carteira de crédito rural.

Também está em estudos na Bolsa um novo contrato para o etanol. “Todo mundo pede à Bolsa um contrato futuro de etanol. A Bolsa já conta com um contrato para álcool anidro, utilizado por exportadores. O problema é que não existe no Brasil ou em qualquer país um mercado efetivamente livre de etanol. Sem entrar no mérito das razões de governo, há restrições regulatórias e tributárias de difícil solução. O produtor de álcool só pode vender o combustível para o distribuidor e para o exportador. A regra restringe a participação de outros agentes na comercialização física e, consequentemente, impede a liquidez do mercado futuro”, explica ele.

Segundo Wedekin, a Bolsa avalia um contrato futuro de etanol hidratado com liquidação financeira em reais, destina-

Mercado futuro brasileiro: valor dos contratos agropecuários negociados, em US\$ bilhões



Fonte: BM&FBovespa. 2009* - últimos 12 meses (Mai/08 a Abr/09)

do ao mercado interno. A liquidação financeira pode contornar a regulação sobre a comercialização física. O contrato teria formação de preços em Paulínia para a produção originária do Centro-Sul e liquidação no vencimento por indicador de preços, como funcionam o contrato de boi e o novo contrato de milho.

Charles Carey, vice-chairman do CME Group, que participou da abertura do seminário, ressaltou que o acordo entre o CME Group e a BM&FBovespa está possibilitando ao mercado acesso total aos produtos das duas Bolsas.

Carey lembrou que no ano passado, quando participou do sétimo seminário da BM&FBovespa, os olhos do mercado estavam voltados para o estado de Yoha, porque os campos do Meio-Oeste foram inundados pelas chuvas, o que provocou forte elevação nos preços do milho.

“A cotação do milho chegou a US\$ 8 o bushel. Mas as águas desceram e colhemos uma boa safra do cereal nos Estados Unidos”, disse Carey.

As pessoas têm de comer, disse ele. “Estamos num momento desafiador, mas eu espero que o futuro seja promissor para a agricultura. Embora tenhamos um mercado dos mais voláteis, podemos nos orgulhar. Tivemos problemas com a China, com a Índia, um dólar baixo e o colapso econômico em setembro do ano passado. Mas agora os preços agrícolas se recuperaram”, disse Carey.

GESTÃO DE RISCOS

Prudência e sabedoria no uso dos derivativos

Para Luiz Augusto de Oliveira Candiota, sócio-diretor do Grupo Lacan, os derivativos são um instrumento estratégico para o agronegócio, uma atividade que já nasce assumindo riscos. “Mas é preciso usá-los com prudência e sabedoria, e entender claramente os riscos envolvidos em cada uma das operações”, alertou Candiota.

Ele apontou em sua palestra os benefícios da gestão de risco: impedir ou diminuir o impacto de perdas relevantes e incrementar o valor da companhia; reduzir o custo de capital e garantir o resultado operacional; promover maior transparência a investidores, acionistas e conselheiros.

“Fazer cenários adversos e positivos, desconfiar sempre e não analisar linearmente o comportamento dos mercados financeiros são atitudes essenciais para uma boa gestão de risco”, disse Candiota.

Segundo ele, as empresas devem definir claramente o perfil de risco, mensurando seu tamanho e o grau de tolerância, além de associar a gestão de risco ao planejamento estratégico, determinando os indicadores de desempenho.

É preciso identificar e classificar todos os riscos, sejam eles financeiros, operacionais, macroeconômicos, ambientais, regu-

latórios ou tecnológicos, avaliando a sua probabilidade e seu impacto sobre os negócios.

“O cenário para 2009 era considerado de grande crescimento para a maioria das empresas, mas seis meses depois veio a crise”, lembrou Candiota.

Para ele, as empresas devem definir cenários alternativos para os mais diversos tipos de risco, construir leque de sensibilidade e uma matriz de variação de valor econômico, identificando possíveis fontes de erro e desvios de resultado.

É preciso também gerenciar corretamente os riscos, perguntando constantemente o que fazer em relação a eles, como preveni-los e evita-los, de forma a capacitar a organização para lidar com os riscos.

Candiota falou sobre os chamados “derivativos tóxicos cambiais”, apontados como um dos fatores responsáveis pela crise global. “Os derivativos não são os culpados e sim as pessoas que utilizaram esses instrumentos levemente”, disse Candiota. “Ignorância e ganância são uma combinação explosiva quando você lida com derivativos”, disse.

Segundo ele, as principais fontes de riscos e incertezas no uso de derivativos são a variação no preço das commodities e as mudanças nas taxas de juros e do câmbio. Para a operação com derivativos, as empresas devem utilizar estratégias como a gestão de dívida, a proteção do preço de venda, a gestão do fluxo de caixa e a redução de custo de produção.



PLANO AGRÍCOLA

Meta é garantir bom volume de crédito

O Plano Agrícola e Pecuário 2009/2010, que deverá ser anunciado em junho, considera um cenário externo de desaceleração econômica, estabilidade da taxa de câmbio e preços de insumos mais baixos do que em 2008, embora ainda acima da média histórica. No mercado interno, o plano também trabalha com desaceleração da economia, tendência de redução das taxas de juros e aumentos dos depósitos à vista e da poupança rural, as duas principais fontes de crédito rural.

Foi o que anunciou Edilson Guimarães, secretário de Política do MAPA, durante o seminário. “Toda a vez que fazemos o Plano Agrícola recebemos duas críticas. A primeira delas é que deveríamos ter um plano permanente. A segunda é de que o plano nunca traz novidades. Do ponto de vista da política agrícola, o plano já é permanente. Temos feitos ajustes de rumos todos os meses. Já existem hoje no Brasil normas estáveis. O MAPA sempre faz ampla consulta ao setor”, disse Guimarães.

Segundo ele, o principal objetivo do plano é garantir um bom volume de recursos para a próxima safra. “O volume de crédito reivindicado pela CNA, de R\$ 150 bilhões, dificilmente será alcançado. O crédito historicamente atende de 30% a 35% das necessidades do setor. Vamos manter os programas de investimento e de estímulo à agricultura familiar. Outro objetivo é aumentar o seguro rural”, acrescentou o secretário.

Guimarães mostrou números sobre o comportamento do agronegócio brasileiro.

No ano passado, a área plantada, de 47,4 milhões de hectares, praticamente foi a mesma de 2007/2008 e se houve uma queda de 4,5% na produção, de 144,1 milhões de toneladas para 137,6

milhões de toneladas na atual safra, ela ocorreu basicamente pelos problemas climáticos, disse ele.

“Em setembro e outubro do ano passado, no auge da crise, estávamos preocupados com o financiamento da safra e com o nível de tecnologia utilizado no plantio. Quem comprou insumo no começo do ano pegou preços competitivos. No segundo semestre, os preços subiram muito e faltava crédito. Foi quando a crise internacional se agravou no País. Quem dependia de recursos das *tradings* enfrentou problemas”.

O secretário calcula em R\$ 37,1 bilhões o volume de crédito nesta safra, entre custeio e comercialização, contra R\$ 41,7 bilhões em 2008/2009, queda de 11,1%. E ressaltou que o crédito rural, que historicamente cresce mais que o de outros setores, hoje está crescendo menos que o destinado a outros setores, como habitação e comércio.

Dois fatores atrapalharam a aplicação do crédito rural na safra 2008/2009: a dificuldade de acesso aos recursos, por conta do endividamento, e a restrição por parte dos agentes financeiros, em consequência da crise global.

“Do lado do seguro rural, tivemos um ganho bem expressivo na safra passada. A área segurada saltou de 2,276 milhões de hectares, em 2007, para 7,5 milhões de hectares em 2009, enquanto o valor segurado deve chegar a R\$ 11 bilhões na atual temporada. Um instrumento importante do seguro rural é o zoneamento agrícola para diminuição do risco do produtor”, disse Guimarães.

O apoio à comercialização, por meio de aquisições e equalização de preços, somou R\$ 2 bilhões em 2007, caindo para R\$ 1,8 bilhão em 2008. Este ano, até o mês de abril, já foi aplicado R\$ 1,1 bilhão, com destaque para o milho, trigo e algodão.

A balança comercial do agronegócio já apresenta, no período de 12 meses findo em março, uma queda de US\$ 1,3 bilhão nas exportações e decréscimo de US\$ 600 milhões nas importações, como reflexo da crise.

Financiamento rural: recursos aplicados (julho-março), em bilhões de reais

Fonte de recursos ou programas	2007/08	2008/09	Var [%]
Custeio e comercialização	41.765,70	37.114,30	-11,1
a Juros controlados	29.759,80	30.716,90	3,2
a Juros livres	12.005,90	6.397,40	-46,7
Investimento	5.187,20	7.067,70	36,3
Programas do BNDES	2.672,00	2.915,20	9,1
Demais linhas/programas	2.515,20	4.152,50	65,1
Agricultura empresarial	46.952,90	44.182,00	-5,9

SOJA

Quebra da safra reduz os estoques

A menor produção na América do Sul traz o estoque mundial a 20% da demanda total. O incremento de área nos EUA será menor do que o esperado pelo mercado e ajuda a sustentação das cotações. A incerteza sobre a produção final na Argentina ainda é muito grande e pode derrubar fortemente o estoque mundial. Quase 20 milhões de toneladas de soja deixaram de ser produzidas na América do Sul nesta safra, devido não apenas à estiagem na Argentina, como também em algumas regiões do Brasil.

Esse foi o quadro apresentado pelo consultor Anderson Galvão, da Céleres, no painel sobre soja, que contou com a participação de José Norberto Freund, da Vision Grain, e de Pablo Adreani, da AgricPAC da Argentina.

Na avaliação de Galvão, o grande desafio para o produtor de soja é atravessar o curto prazo, onde há muitas dificuldades – escassez de crédito, custo de produção elevado e rentabilidade baixa – para tirar proveito das oportunidades a médio e longo prazos.

Para ele, os preços da soja buscam um novo patamar, mas é improvável que retornem aos níveis das décadas de 80 e 90. A recuperação dos preços em Chicago, porém, já cria condições para o produtor antecipar negócios da safra 2009/10. O preço da soja no auge da crise chegou a US\$ 7,50 o bushel, hoje está no patamar de US\$ 11 o bushel, com o câmbio na faixa de R\$ 2,10.

Galvão estima o dólar em R\$ 2 no final deste ano e recomenda ao produtor planejar bem a venda de sua safra para evitar surpresas. De maio até agosto, segundo ele, ocorrem os melhores momentos para compra e venda da soja da safra seguinte.

O produtor brasileiro acaba perdendo mais dinheiro por agir como especulador financeiro do que por conta da ação de doenças como a ferrugem ou das secas, alertou Galvão, para quem o mercado permanecerá nos próximos anos trabalhando “da mão para a boca”.

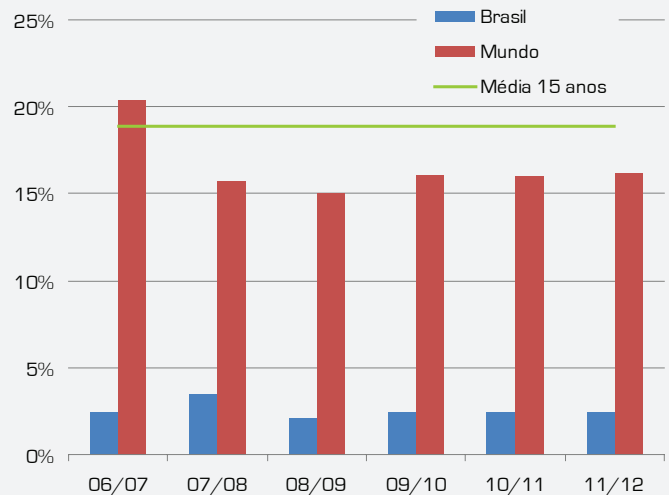
Segundo ele, a renda com a produção de soja voltou aos piores níveis dos últimos quatro anos, comprometendo novas expansões em 2009/10. A retenção de soja em 2009 está condicionada a apostas de alto risco com clima, produção, taxa de câmbio.

Projeta-se um crescimento marginal na área plantada em 2009/10, mas o crescimento da produção virá de ganhos de produtividade.

A safra 2009/10 promete boa rentabilidade, por conta da redução dos custos de produção (insumos principalmente) e da possibilidade de um novo cenário de preços. “O item que mais pesa na produção de soja é o fertilizante. E alguns componentes, como o fósforo, tiveram redução de preço, assim como os defensivos”, disse Galvão.

Na temporada 2008/09, segundo Galvão, o Brasil produziu cerca de 57,8 milhões de toneladas, com queda de 3,1%. “Os

Estoque de soja no Brasil e no mundo
[% sobre a demanda]



Fonte: Céleres, baseado em modelagem e projeções próprias. Nota: O estoque final Céleres difere de outras fontes devido ajustes no ano agrícola dos países



fundamentos da demanda são amplamente favoráveis. Mas existe um desafio de curto prazo para equacionar o caixa e realizar o plantio da safra 2009/10”.

Pablo Agreani, da Agripac, afirmou que a situação do mercado de soja em 2009 é muito ajustada, com estoques baixos. “A produção dos EUA não deve compensar a queda da safra na Argentina, o que aponta um cenário altista. Para 2009/2010, se o clima ajudar, a previsão é de uma colheita de 54 milhões de toneladas de soja, 22 milhões a mais do que em 2008/2009. Assim, a tendência é de queda dos preços”, disse.

“O forte esvaziamento do comércio mundial levou ao desaparecimento da demanda e trouxe uma insegurança enorme em toda a cadeia produtiva de soja. O quadro começou a melhorar a partir

de janeiro, quando o mercado iniciou o trabalho de reconstrução da demanda”, disse José Norberto Freund, da Vision Grain.

Crise

Na abertura do painel, Anderson Galvão apresentou um gráfico sobre o impacto das crises econômicas nos últimos 48 anos. “Ao contrário do que se imagina, as grandes crises nesse período não resultaram em fortes impactos negativos sobre o consumo mundial de grãos. Mesmo nos períodos em que alguma retração foi observada, como o primeiro choque do petróleo e a crise em Wall Street de 1987, a queda no consumo não chegou a 3,5% da demanda total”, afirmou.

Para Galvão, o Brasil é o país com o maior potencial para a expansão da agricultura e deverá ser fortemente beneficiado pelo crescimento da demanda por alimentos. O país tem áreas disponíveis, clima propício e tecnologia para agricultura tropical. “Em 1970, o mundo tinha 3,7 bilhões de bocas, em 2005 já havia 6,5 bilhões e, em 2015, estima-se 7,3 bilhões. Ou seja, quase 800 milhões de bocas entraram no mercado e alguém tem que alimentá-las”, destacou o consultor.

Ele acrescentou que em 38 anos, a disponibilidade *per capita* de grãos e oleaginosas aumentou apenas 26%, o que representa 0,6% ao ano. “Mal estamos conseguindo acompanhar o crescimento populacional, isso sem considerar o crescimento da renda.”

MILHO

Tendência é de alta

O maior ajuste entre oferta e demanda do produto, em consequência da quebra da safra, e a tendência de aumento das exportações brasileiras, contribuem para a sustentação dos preços do produto no mercado interno, na análise de André Pessôa, da Agroconsult, que prevê aumento entre 10% e 15% nas cotações até o final deste ano. O preço do milho-base Campinas (SP), na estimativa da Agroconsult, deve alcançar entre R\$ 25 e R\$ 26 a saca de 60 quilos.

Para a nova safra (2009/10), Pessôa projeta uma área próxima a de 2007/2008, quando o milho ocupou 9,3 milhões de hectares e deverá render cerca de 33,7 milhões de toneladas pela estimativa da Agroconsult. Com a perspectiva de bons preços para a soja, o milho pode perder parte do seu espaço na temporada 2009/10. Pessôa espera um crescimento de 1 milhão de hectares na área de soja.

O milho da safrinha este ano, segundo Pessôa, ocupou quase 5 milhões de hectares, superando as estimativas iniciais, que apontavam para 4 milhões de hectares. A quebra na safra precoce de soja abriu uma janela maior para o plantio de milho. A

Agroconsult trabalha com uma produção de 16,8 milhões de toneladas na safrinha, devido à seca no norte e no oeste do Paraná e em algumas áreas de Mato Grosso do Sul e Goiás.

Exportação

A Argentina, segundo Pessôa, deve reduzir sua exportação de milho este ano para 7,7 milhões de toneladas, ante 15,4 milhões de toneladas em 2008. A queda expressiva deve-se à seca nas principais regiões produtoras, que impediram a realização de boa parte do plantio.

Esse quadro abre perspectiva para o Brasil aumentar a sua exportação do cereal. Nos EUA, 33% da área do milho já estão plantados. A estimativa da Agroconsult é de uma área de 34,2 milhões de hectares, com produção de 303 milhões de toneladas, próxima a de 2008.

Durante o mês de abril, as precipitações acima da média no Meio-Oeste dos EUA atrasaram o plantio de milho, levando o produtor a migrar para a soja. As exportações dos EUA devem cair de 62 milhões na safra 2007/08 para cerca de 43 milhões de toneladas.

A evolução das vendas externas de milho deverá definir o seu plantio na próxima temporada. A Agroconsult projeta uma exportação de até 9 milhões de toneladas neste ano, acima das 6,4 milhões de toneladas exportadas em 2008, mas abaixo das 10,9 milhões de toneladas de 2007. Isto vai depender do apoio à comercialização por meio de leilões, facilitando o acesso do milho de Mato Grosso aos portos.

Na avaliação da Agroconsult, o plantio de milho transgênico deve crescer no Brasil nas próximas safras, em função dos custos de produção mais baixos (menor uso de defensivos).

A partir de setembro, na avaliação do analista, as vendas de milho brasileiro para o exterior devem se acelerar, diante da redução das exportações dos EUA e da Argentina.

Ao final desta safra, teremos 43 dias de estoque de milho, um nível razoável que não traz ameaça de desabastecimento. A boa notícia, segundo o analista, é a redução do custo de produção em cerca de 16%, devido à queda dos preços dos fertilizantes. O plantio do milho no Paraná está hoje em cerca de R\$ 430 o hectare.

Pessôa apresentou dados que mostram uma retração do consumo de milho para ração nos EUA, que caiu de 151 milhões de toneladas em 2007/2008 para cerca de 132 milhões de toneladas. A indústria de etanol de milho nos EUA produziu 34,1 bilhões de litros em 2008. Existem hoje nos EUA 169 usinas de etanol.

“Os subsídios à indústria de etanol devem continuar crescendo nos EUA, aumentando a demanda por milho, devido à força política dos agricultores e não pela eficiência do combustível”, disse Pessôa.

Aves e suínos

Para os suínos, a estimativa de Pessôa é de aumento de 10% nas exportações (582 mil toneladas) e de 2% na produção (3,1 mi-

Brasil: oferta e demanda de milho, em milhões de toneladas

	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09
Oferta	51,0	47,2	48,6	57,1	62,2	61,1
Estoque inicial	8,5	7,7	5,6	4,3	2,7	10,0
Produção total	42,1	38,9	42,1	51,7	58,7	50,3
Importação	0,3	0,6	1,0	1,1	0,8	0,8
Demanda	43,2	41,7	44,3	54,4	52,2	54,7
Consumo animal	27,5	29,9	30,3	32,0	33,7	33,9
aves	15,7	17,7	17,1	18,6	20,0	19,8
suinocultura	8,3	8,6	9,3	9,5	9,6	9,8
outros animais	3,5	3,6	3,8	3,9	4,0	4,3
Outros usos	10,7	10,7	10,2	11,5	12,1	11,8
Exportação	5,0	1,1	3,9	10,9	6,4	9,0
Estoque final	7,7	5,6	4,3	2,7	10,0	6,4

Fonte: Conab; IBGE; Sindirações; Agroconsult

lhões de toneladas) neste ano. No caso da carne de frango, a Agroconsult trabalha com queda de 2% na produção, de 11 milhões de toneladas para 10,8 milhões de toneladas, e estabilidade nas exportações (3,6 milhões de toneladas).

Ele descarta uma queda de consumo de carne suína no mundo por causa da gripe A (H1N1). “No início, com a falta de orientação, a população acabou relacionando diretamente a gripe à carne suína. Mas a Organização Mundial de Saúde (OMS) mudou o nome da gripe, o que deve tranquilizar os consumidores”, disse Pessoa. “A retração no mercado de carne de frango é consequência da crise global, que restringiu o crédito às agroindústrias”, explica Pessoa.

ALGODÃO

Menor oferta pode elevar preço

A produção brasileira de algodão apresenta um ciclo importante de crescimento, que agora está em risco. Os custos de produção de algodão são muito altos e podem levar muitos agricultores a migrar para outras lavouras”, advertiu Marcelo Escorel Costa Filho, diretor da LDC (Louis Dreyfus Commodities). Segundo ele, apesar dos incentivos do governo por meio do Pepro (Prêmio Equalizador Pago ao Produtor), a cultura começa a se tornando inviável.

“Em algumas regiões do país, os agricultores estão testando novas alternativas, como o plantio adensado, para continuarem na atividade. O Brasil é o único país do mundo onde o agricultor tem que se preocupar não apenas com o plantio, mas também com o escoamento e a logística”, disse o diretor da LDC.

No caso do algodão, segundo ele, as *tradings* têm auxiliado direta ou indiretamente no financiamento dos insumos para o plantio, na logística e até no fluxo de caixa. “Os produtores de algodão têm que plantar a safra e vender o mais rapidamente possível. Eles não têm estrutura para carregar estoques.”

Segundo Escorel, a crise econômica prejudicou a liberação de crédito às indústrias, que acabaram queimando seus próprios estoques e reduzindo suas compras, o que resultou na elevação dos preços. As cotações do algodão foram as mais baixas dos últimos cinco anos. A tendência agora é de alta dos preços.

Pequena queda na produção e no consumo de algodão, com redução dos estoques de algodão no mercado interno. Este foi o cenário apresentado por ele para a temporada 2009/2010. Segundo Escorel, o desafio dos produtores brasileiros será manter a área de 848 mil hectares ocupada pelo algodão na safra 2008/2009, que já foi inferior à de 2007/08, quando foi plantado no Brasil 1,077 milhão de hectares.

Para 2009, a previsão de Escorel é de ligeiro aumento da demanda mundial. No mercado interno, os estoques ao final do ano devem somar 124 mil toneladas, inferior ao de 2008, que chegou a 148 mil toneladas. Em 2010, a projeção de Escorel aponta um estoque doméstico de 105 mil toneladas.

Custo do frete

“Apesar da crise, as indústrias brasileiras devem continuar investindo em máquinas para melhorar os níveis de produtividade. A crise passa. É preciso pensar no longo prazo”, alertou o diretor da LDC.

Marcus Menoita, da NovAgri, recomenda ao produtor maior atenção à logística para escoamento a safra. “A volatilidade do frete pressiona os custos do algodão”, afirmou. Ele calcula que a logística representa entre 10% e 15% do custo da safra. Outro fator que eleva os custos, segundo ele, é a sazonalidade.

“Com a concentração das vendas em um mesmo período do ano, o custo de frete sobe. O algodão compete no transporte com outras *commodities* como a soja”, explicou o diretor da NovAgri, que propõe a pulverização da venda do produto para reduzir o custo. “Os leilões de Pepro podem ajudar o produtor”, disse.

Antonio Vidal Esteves, da Interagrícola, comentou que a cadeia do algodão foi gravemente afetada pela crise global. A oferta menor e o crescimento da demanda devem dar sustentação

ao mercado este ano. Pelos cálculos do presidente da Interagrícola, por conta da China, o consumo mundial de algodão deve atingir 23,7 milhões de toneladas na safra 2009/10, contra 23,2 milhões de toneladas na temporada anterior, o que representa aumento de 2,2%.

A produção da nova safra deverá alcançar 23,3 milhões de toneladas, cerca de 400 mil toneladas a menos do que em 2008/2009. Mas o bom estoque mundial vai impedir o aumento dos preços, prevê Esteves.

Brasil: balanço da oferta e demanda de algodão (mil toneladas)

	2008	2009*		2010**	
	Volume	Volume	Var 09/08 [%]	Volume	Var 10/09 [%]
Estoque Inicial	80	148	85	124	-16
Produção	1.600	1.230	-23	1.195	-3
Importações	24	28	19	35	25
Consumo Doméstico	982	922	-6	930	1
Exportações	574	360	-37	320	-11
Estoque final	148	124	-16	105	-16

* Estimativa. ** Projeção. Nota: Balanço entre os meses de Junho e Maio. Fonte: Anea/Secex



Estimativas

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) prevê uma nova redução na área e na produção de algodão na safra 2009/2010, que começa a ser plantada em setembro. Para os analistas da Conab, o cenário externo não é favorável para a comercialização de algodão, apesar da queda dos estoques mundiais.

Dois fatores contribuem para uma nova redução de área: o preço e as restrições à captação de crédito. A produção de algodão está concentrada em grandes propriedades, em torno de 500 a 600 em todo o País. São produtores de grande porte que necessitam de alto nível de investimentos para a safra.

As primeiras projeções da Conab indicam que os produtores de algodão podem reduzir em 15% a área cultivada em Mato Grosso e entre 5% e 7% na Bahia em 2009/2010. Os dois estados lideram o *ranking* da produção da fibra no País.

Na safra 2008/2009, a área plantada com algodão em Mato Grosso teve queda de 30%. A Bahia reduziu em 5% o seu plantio, segundo levantamento da Conab.

A Região Centro-Oeste, que na safra 2008/2009 respondeu por 55% da área cultivada no País, teve uma redução de 28% com relação à safra anterior. O Nordeste, segunda maior região produtora, com 40,8% da área total, registrou quase 7%, boa parte pela retração do plantio no oeste da Bahia.

AÇÚCAR E ÁLCOOL

Boas perspectivas no médio prazo

A pesquisadora Mirian Rumenos Piedade Bachi, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, apontou as dificuldades que o setor sucroalcooleiro deverá enfrentar no curto prazo. A falta de liquidez gerada pela crise financeira poderá acentuar as variações estacionais de preços e dificultar o abastecimento na entressafra. O setor sucroalcooleiro é grande usuário de capital de giro, lembra Miriam, e vai demandar recursos para a formação de estoques. Em 2009/10, entre 20 e 23 novas usinas devem entrar em operação no País.

Para a pesquisadora, a crescente demanda por etanol no mercado interno vai compensar uma possível queda das exportações do produto em 2009/10. Além da expansão da frota de veículos *flex fuel* (automóveis, comerciais leves e motos), ela citou os novos usos do produto pela indústria química, caso da Braskem, que iniciou este ano a produção de uma resina plástica a partir do álcool da cana-de-açúcar.

Mas, segundo Mirian Bachi, os fundamentos sólidos para os preços de açúcar no mercado internacional e doméstico e os reflexos positivos de seus preços sobre os de etanol vão ajudar o setor a enfrentar a crise.

A médio e longo prazos, as perspectivas são bastante promissoras para a expansão das exportações mundiais de etanol, uma vez que vários países deverão ter mandatos para o uso da mistura etanol/gasolina. A indústria sucroalcooleira também será beneficiada pelos ganhos de produtividade, que devem resultar na redução dos custos médios. Vale lembrar que os preços de açúcar e etanol vêm caindo nos últimos 30 anos graças à redução de custos.

O consumo de etanol na União Européia cresceu de 2,7 bilhões de litros, em 2007, para 3,5 bilhões de litros no ano passado. Cerca de 40% do etanol importado pela UE vêm do Brasil. Até 2020, a UE pretende que 20% da energia consumida no bloco sejam provenientes de fontes renováveis. Deste total, 10% no setor de transportes. O consumo previsto para 2020 é cerca de 15 bilhões de litros.

A pesquisadora recomenda aos agentes da cadeia produtiva participar ativamente das discussões internacionais destinadas a definir padrões de produtos e processos sustentáveis, tendo em vista evitar barreiras não-tarifárias.

Em sua palestra, a pesquisadora citou as estimativas de consultorias, *tradings* e entidades sobre a produção e consumo de açúcar e de álcool. “Todas diferem, mas apontam para uma desaceleração do setor sucroalcooleiro nos próximos anos”, disse.

Os dados da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) prevêem uma safra de 550 milhões de toneladas em 2009/10, ante 504,9 milhões de toneladas na temporada 2008/2009.

O envelhecimento dos canaviais, com a redução da área de reformas, e a diminuição dos tratamentos culturais ao longo do último ano-safra devem provocar uma queda de 4% na produtividade. Os baixos preços da cana desestimularam os investimentos nas lavouras.

A produção de açúcar deve crescer 16,6%, de 26,8 milhões de toneladas em 2008/09 para 31,2 milhões de toneladas, na avaliação da Unica. A Datagro aposta num crescimento inferior, de 12,5%, enquanto a ED&FMan estima aumento de 18,5%. Para a Unica, o Brasil vai exportar 21,7 milhões de toneladas de açúcar, 4 milhões a mais do que na temporada 2008/09.

Brasil: estimativas para o ano-safra 2009-2010

	2008/09	2009/10	Variação
Área plantada	7,1	7,8	9,9%
Produtividade (t/ha)	80,8	80,6	-0,2%
Cana-de-açúcar (milhões de t)	573	628	9,6%
Produção de açúcar (milhões de t)	31,6	37,2	17,7%
Produção de etanol (milhões de m³)	26,6	28,2	6,0%
anidro (milhões de m³)	10,1	9,3	-7,9%
hidratado (milhões de m³)	16,6	18,7	12,7%

Fonte: Conab

Dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), citados pela pesquisadora, indicam que a produção mundial de açúcar em 2009/2010 será de 158,8 milhões de toneladas, contra um consumo estimado em 162,1 milhões de toneladas. Há projeção de outras instituições e consultorias que prevêem queda de até 10% na produção.

Pelos números da Unica, a produção brasileira de álcool hidratado cresce 4,7%, saltando de 16,9 bilhões de litros em 2008/09 para 19,3 bilhões de litros, enquanto a de álcool anidro alcança 7 bilhões de litros, com queda de 15% em relação à safra 2008/2009, que rendeu 8,2 bilhões de litros. As exportações de álcool devem sofrer uma queda de 15,2% (de 4,2 milhões de litros cúbicos para 3,6 milhões). O *mix* de produção para Unica cai de 61% (etanol) para 57,9%, enquanto a Datagro avalia em 58,2% e a ED&FMan em 56%.

O coordenador do painel, Luiz Gustavo Junqueira Figueiredo, da Usina Alta Mogiana, acredita que o crescimento da demanda interna pode diminuir em até 1 bilhão de litros na safra 2010/11 a exportação da Região Centro-Sul. Figueiredo considera o cenário positivo para o setor. Até 2015, a frota de *flex fuel* deverá responder por 65% do total, ele diz. Com isso, o excedente de álcool para exportação deverá cair, aposta Figueiredo. Diante da manutenção da oferta do produto e do aumento da demanda interna, as vendas externas devem recuar.

Figueiredo prevê exportação entre 3 milhões e 3,3 milhões de litros na safra 2009/10, contra os 3,6 bilhões estimados pela Unica. “O cenário aponta para uma recuperação dos preços internos”, aposta Figueiredo.

Rogério Manso da Costa Reis, da Companhia Brasileira de Energia Renovável (Brenco), prevê bons preços também no mercado externo, apesar da queda dos preços do barril do petróleo. “O petróleo deve ficar entre US\$ 60 e US\$ 80 o barril, o que torna o etanol competitivo.

CAFÉ

Consumo pode crescer 1%

A produção mundial de café em 2009 deve ficar entre 123 milhões e 126 milhões de sacas de 60 quilos, em comparação a 134,16 milhões de sacas no ano passado. O estoque mundial deve atingir cerca de 29 milhões de sacas, o que equivalente a cerca de três meses de consumo no mundo. No ano passado, o estoque ficou entre 31,6 milhões e 33,7 milhões de sacas.

O estoque de café do governo brasileiro, 500 mil sacas em 2008, deverá ser recomposto este ano. Aquele em mãos da iniciativa privada (indústrias, exportadores e cooperativas), que foi estimado em 4 milhões de sacas em 2008, deve subir para 8 milhões de sacas este ano. As exportações brasileiras de café este

ano devem atingir entre 29 e 30 milhões de sacas, mas a receita pode cair até 15%, no caso do dólar ficar na faixa entre R\$ 2,20 e R\$ 2,40.

Esses números foram apresentados por Celso Vegro, pesquisador do Instituto de Economia Agrícola (IEA) da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Crescimento zero este ano, no máximo de 1%, é o que ele prevê para o consumo mundial de café, como reflexo dos altos e baixos da economia.

Vegro aponta como fatores baixistas o desemprego, que deve reduzir o consumo de café de maior valor agregado (fora do lar), o aumento da participação do tipo robusta nos blends e o verão no Hemisfério Norte, quando o consumo da bebida costuma cair.

O pesquisador apresentou algumas das projeções do mercado para o consumo de café este ano. Na hipótese mais otimista, de uma crise em “V” (bate e volta), a OIC estima um crescimento médio de 2,5% do consumo ante o de 2008, que girou em torno de 126 a 128 milhões de sacas. Já a empresa italiana Illycaffé prevê crescimento de 1% no consumo, apostando numa crise moderada. No cenário mais pessimista, de uma crise de longa duração, o consumo ficará estagnado ou até pode cair.

Para Vegro, a queda do PIB em importantes economias do mundo, a deflação e o desemprego já descartam o cenário mais otimista, que prevê aumento de 2,5% no consumo mundial de café. Mas ele considera que já há indícios na economia que também permitem descartar uma queda no consumo de café.

Diferentemente do que ocorre com os fertilizantes e defensivos, que têm preços mais baixos este ano, o que vai pesar mais no bolso do produtor é a mão-de-obra, devido ao reajuste do salário mínimo acima da inflação.

Na opinião do pesquisador do IEA, a implantação de um programa de leilões de opção de venda de café ao governo seria uma política inteligente, que deveria ser adotada todos os anos. Vegro defende também o alongamento das dívidas, que possibilitaria aos produtores investir nas lavouras.

Para Lúcio Araújo Dias, diretor da Cooxupé (Cooperativa Regional dos Cafeicultores em Guaxupé), o ânimo dos produtores é preocupante. “A maioria dos cafeicultores está desanimada. Faz muito tempo que eles não têm lucro com a venda do produto. Alguns pensam até em deixar a atividade.

Novos dados

A segunda estimativa de produção brasileira de café (arábica e conilon), para a safra 2009, divulgada no dia 7 de maio, aponta para uma colheita de 39,07 milhões de sacas de 60 quilos de café beneficiado, com queda de 15% em relação a produção de 46 milhões de sacas obtidas na temporada anterior.

Os principais fatores desse decréscimo, segundo a Conab, são o ciclo de baixa na maioria das áreas de café arábica, regime de chuvas bastante irregular e temperaturas elevadas e menor investimento nos tratos culturais, diante do alto custo de produção.



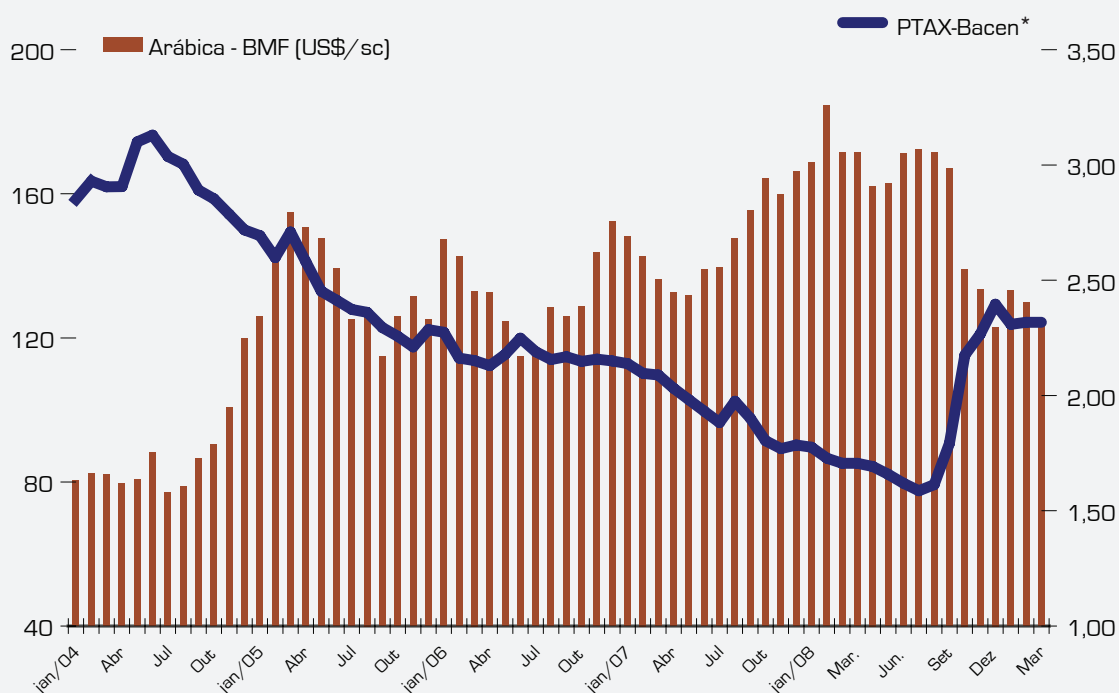
O café conilon (robusta) participa da produção nacional com 27,51% (10,75 milhões de sacas de café beneficiado). O estado do Espírito Santo se destaca como o maior produtor dessa variedade (70%).

A área total cultivada com café (arábica e conilon) está estimada em 2,342 milhões de hectares, pouco abaixo (-0,86%) à

da safra passada, o que corresponde a uma redução de 20.244 hectares.

As exportações brasileiras de café este ano (janeiro a abril) renderam US\$ 1,325 bilhão, resultado 6,34% inferior ao do mesmo período do ano passado. Em volume, as vendas tiveram queda de 8,8%, de 561 mil toneladas para 498 mil, segundo dados da Secex/MDCI.

Relação entre o câmbio (US\$/R\$) e o preço do café



Fonte: Gazeta Mercantil/Bacen

* Taxa de câmbio calculada ao final de cada dia pelo Banco Central do Brasil; é a taxa média adotada em todos os negócios com dólares realizados naquela data no mercado interbancário de câmbio com liquidação em D2 (dia útil mais dois dias úteis).

PECUÁRIA

Cresce o confinamento

A cotação do boi gordo deverá oscilar cerca de 10%, tanto para cima quanto para baixo, em relação à inflação. É o que diz Rogério Goulart, da Carta Pecuária, para quem o mercado ainda sofre a pressão da escassez de animais.

Goulart fez uma avaliação do ciclo pecuário de 2006 para cá. “Qual foi a razão do mercado ter subido entre 2006 e meados de 2008, para depois cair fortemente este ano? Foi o resultado do ciclo pecuário, consequência da atuação de duas forças: a redução do abate de fêmeas, que faz os preços subirem, e a da inflação, que força as cotações para baixo”, explica Goulart.

Segundo ele, estamos na fase intermediária do ciclo, que dura sete anos. O mercado está pressionado com a escassez de matéria-prima, mas não a ponto de os preços explodirem, a exemplo do que aconteceu entre 2006 e 2008.

“A queda do preço do bezerro aponta para um aumento da oferta, mas que por enquanto é incipiente. Será um fator baixista a partir de 2011. As exportações se equilibram e não forçam os preços para nenhum lado”, diz o consultor.

“Produzir gosta de produzir, gosta de estar no curral, apartando o gado. Mas quando chega no momento que o bezerro custa R\$ 300, como aconteceu em 2006, ele é obrigado a vender parte do seu plantel. Consequentemente, se você tem uma menor quantidade de vacas, terá menos bezerros um ano depois,

dois anos depois vai faltar garrote e três anos depois faltará boi gordo”, explica ele.

A pecuária é uma atividade lenta e até certa forma previsível. Você consegue antecipar movimentos de mercado. Hoje estamos abatendo menos vaca e isto causa pressão no mercado, porém bem menos do que há dois anos.

Hoje abate-se menos vaca e por este motivo o mercado está pressionado pela escassez de oferta, mas menos do que há dois anos. Estamos no meio de ajuste de participação por sexo.

Mas, qual é o efeito da crise de crédito na oferta de animais nessa entressafra? Segundo Goulart, as pesquisas indicam que haverá, no mínimo, estabilidade no confinamento em relação ao ano passado. Porém, o mercado não confirma a previsão. Quem já faz confinamento em sua estratégia de engorda, segundo ele, deve continuar. Todavia, as empresas que confinam gado com dinheiro de terceiros vão diminuir a oferta de animais. A falta de crédito deve afetar o confinamento, diante dos altos custos da atividade.

Já Celso Affonso Filho, do Grupo Bertin, aposta em alta dos preços no segundo semestre. “Os confinadores precisam acertar suas margens”, diz. Nas próximas semanas, segundo Affonso Filho, os contratos com vencimento em outubro, pico da entressafra, devem atingir R\$ 90 a arroba.

Para Fábio Dias, da RB Capital, o confinamento este ano será um pouco maior do que em 2008. Dados da Assocon (Associação dos Confinadores) indicam aumento de apenas 6% no número de animais confinados. “Os criadores já compraram 75% do gado que será confinado, porcentual acima do ano passado”.



TENDÊNCIA

O novo eixo da economia mundial

A mudança do eixo da economia mundial dos EUA para a Ásia, uma das principais conseqüências da crise global, deverá gerar uma forte demanda por *commodities* agrícolas, favorecendo o Brasil. “Por causa desta mudança, sem que a gente tenha que fazer nada, por pura sorte, o Brasil terá nos próximos anos uma taxa de crescimento de cerca de 5%, o dobro da média dos últimos 25 anos”, disse o economista Ricardo Amorim, da Ricam Consultoria, na conferência de encerramento do seminário. Segundo ele, os próximos cinco anos serão muito parecidos com os últimos cinco anos para o Brasil e para os países emergentes.

“Há dez anos vem acontecendo uma mudança fundamental na economia, mas a maioria de nós não percebeu a sua magnitude. O eixo da economia mundial saiu dos países tradicionais (Estados Unidos, os da Europa e o Japão) e se mudou para a Ásia, principalmente para a Índia e para a China. O mito da dominância americana e européia nasceu de uma realidade que durou séculos e nos parecia eterno. Mas, do ponto de vista econômico e financeiro isso vem deixando de ser verdade. Aliás, já deixou de ser verdade em alguns aspectos”.

Amorim disse que a pandemia do momento é a depressão, e não a gripe A (H1N1). “Tudo o que se vê na mídia é crise, crise, crise. Este ano não está sendo fácil, mas tudo o que se viu até agora é pouco em relação ao que vem pela frente, principalmente no mercado financeiro.”

Segundo o economista, não é coincidência o fato de a crise ser mais séria nos países desenvolvidos do que nos emergentes. Nos próximos anos, a instabilidade maior acontecerá nos EUA, na Europa e no Japão. Os Estados Unidos e a Europa não são mais fontes de solidez da economia mundial, mas de fragilidade e crises. O sistema financeiro americano hoje é frágil e dependente do capital dos países emergentes.

Nos próximos anos, vamos ver uma forte demanda por alimentos

“O capital humano sempre foi uma vantagem competitiva dos países desenvolvidos. EUA e Europa, por terem sistemas educacionais de excelência, sempre tiveram capacidade de atrair os melhores cérebros do mundo. Mas isso também está mudando. Nos últimos três anos, caiu muito o número de estudantes estrangeiros nos EUA. Eles não estão conseguindo mais segurar os grandes talentos”, disse Amorim.

As oportunidades de negócio hoje no Brasil são melhores do que as existem nos EUA, acrescentou o economista. Mas ainda assim a maior parte das inovações tecnológicas ainda vem de lá.

Bolha imobiliária

Amorim prevê grandes transformações na economia mundial como resultado da crise global. Depois de séculos de dominância econômica, há uma concentração de riqueza nos EUA e na Europa. Essa é uma vantagem que ainda se mantém. “O dinheiro continua lá, mas a importância do capital entre os fatores produtivos diminuiu. Capital deixou de ser recurso escasso para a produção. A taxa de juros despencou no mundo inteiro, embora no Brasil ela continue elevada”.

“Tirem da cabeça que país desenvolvido é igual a estabilidade e que país emergente é sinônimo de instabilidade. Hoje eles olham para a gente como nós olhávamos para eles anos atrás”.

Na avaliação de Amorim, o grosso da economia mundial passou a estar na Índia e China, que têm duas características: são países ultra-populosos e muito pobres. Assim, o tipo de produto que o mundo passou a precisar também mudou. Passou a ser produto básico, *commodities*, principalmente alimentos. “Estejam preparados. Nos próximos anos vamos ver uma forte demanda por alimentos no mundo”, disse o economista.

Ele citou o exemplo do aparelho de TV de plasma, que oito anos atrás custava cem vezes mais do que hoje. Enquanto isto, o preço do barril do petróleo está cinco vezes mais caro. Isto transfere a riqueza de quem faz TV de plasma para quem produz *commodity*.

“Houve um processo de redução da inflação nos últimos anos. Um dos fatores foi a globalização. A China inundou o mundo de produtos cada vez mais baratos. Muitos serviços dos EUA foram terceirizados para a Índia. E quando se transfere a produção para países onde os custos são mais baixos, a inflação cai. Com inflação baixa, a taxa de juros despenca e o crédito fica mais barato”, explicou Amorim.

Quando a taxa de juros caiu, segundo ele, os bancos concentraram suas apostas e estruturas financeiras no setor imobiliário. Foi aí que começou a surgir a bolha imobiliária. Na China, a população saiu do campo para trabalhar na indústria. Esse processo se acelerou e provocou a alta dos preços dos alimentos no mundo.

“Vale dizer que na China, metade da inflação é preço da comida. Ao acelerar o ritmo da migração, o custo de vida subiu, e o preço da mão-de-obra chinesa ficou mais alto. Resultado: os produtos chineses começaram a encarecer, juntamente com alta dos alimentos. O crescimento da inflação do mundo elevou a taxa de juros e a bolha imobiliária estourou”, disse Amorim. “Nada é mais propício para formar bolha do que muitos anos com inflação em baixa”, disse Amorim.

Na avaliação do economista, o Brasil será favorecido pela crise. “O que a gente vende ficou e ficará mais caro, e o que a gente importa, capital, ficou e ficará mais barato. Estejam preparados para um novo ciclo de alta das *commodities*”, avisou Amorim.

Década perdida

Em sua exposição, Amorim mostrou que nas décadas de 80 e 90 os países emergentes passaram a crescer a taxas equivalentes a dos países desenvolvidos. “As grandes desacelerações da economia mundial foram maiores nos países desenvolvidos do que nos emergentes, porque todas elas estão associadas a elevação dos preços de *commodities*”, acrescentou.

Citando dados do FMI, Amorim disse que o PIB dos EUA e da Europa deve cair nos próximos anos. Talvez não haja uma queda, mas esses países não devem crescer nos próximos anos. Dez anos atrás, os EUA e a Europa representavam o grosso da economia mundial. Nos últimos cinco anos, a contribuição da América Latina tem sido tão grande quanto a dos EUA e dos países europeus.

De acordo com os números apresentados pelo economista, até o final do milênio passado dois terços do crescimento do mundo vinha dos países desenvolvidos. A partir de 2000, a tendência se inverteu, e hoje os emergentes estão na frente.

“Hoje, empresas brasileiras estão comprando companhias nos EUA. A Friboi comprou a Swift, a Vale comprou várias companhias americanas, a Gerdau também, o Banco Itaú comprou as operações do BankBoston no Brasil e por aí vai. Nunca na história do mundo isso havia acontecido”, disse Amorim.

Nos últimos dez anos, segundo ele, a China tem representado entre 23% e 30% do crescimento do mundo, ante 8% a 13% dos EUA. Ou seja, a China tem sido de dois a quatro vezes mais importante do que os EUA para o PIB mundial. A Índia nos últimos quatro anos tem representado 9% do crescimento mundial, enquanto o Brasil entre 2% e 4%, acima da participação do Japão.

Para Amorim, os próximos anos serão marcado por forte demanda nos países emergentes; antes da crise, o crescimento de produção estava nos emergentes, mas quem consumia eram basicamente os americanos e os europeus. Daqui para a frente, o consumo será primordialmente de indianos e chineses. Portanto, haverá uma mudança no perfil dos produtos. Serão bens voltados para as classes de menor poder aquisitivo: alimentos, energia e material de construção.

Nova potência

China e Índia começaram a crescer em 1979, lembra o economista. Mas deverão sustentar o ciclo de crescimento por muitos anos, porque começaram a partir de um nível baixo e são países de grande população.

No Brasil, a média de crescimento entre 1900 e 1979 foi de 7%. “Se a gente tivesse mantido essa média durante os anos 80, teríamos hoje uma renda *per capita* mais alta do que a da Fran-

ça. A década de 80 não foi uma década perdida, perdemos uma geração, disse Amorim.

“A China é que vem determinando o que acontece no mercado de *commodities*”

Quando a China cresce muito, os preços sobem. A China vai continuar crescendo, o consumidor chinês não está endividado e ficou séculos sem consumir. Tudo é mais barato na China. Daqui há dez anos, a China vai ser a maior economia mundial”, aposta Amorim.

Ele lembra que nas décadas de 70 e 80, quando ocorreram os dois choques do petróleo, o Brasil era importador da *commodity*. O preço do petróleo disparou, e o Brasil se endividou. Nos últimos anos, o Brasil reduziu fortemente sua dependência externa de petróleo.

“Depois do pré-sal, o Brasil potencialmente se tornará um dos maiores exportadores de petróleo do mundo. Digo potencialmente, porque para tirar o petróleo do chão, o País terá que fazer um investimento brutal. Mas o Brasil não tem esse dinheiro e vai precisar atrair investimento externo, algo em torno de US\$ 600 bilhões. Com isso, o real vai se apreciar. Só que para iniciar a exploração é preciso que o preço do petróleo esteja alto. Se não estiver a conta não fecha”, disse o economista.

Para Amorim, a crise abre grandes oportunidades para o Brasil, principalmente para o agronegócio e para os biocombustíveis. “Nenhum outro país do mundo tem tanta área como o Brasil para ser plantada. E isso sem precisar tocar na Amazônia”, disse ele.

Soja em alta

Ele destacou que haverá um forte crescimento da demanda por produtos do complexo da soja, principalmente da China. Para este ano, o crescimento do PIB brasileiro estará próximo de zero, mas com retomada da economia a partir do segundo semestre e a aceleração no primeiro semestre de 2010, devido à recuperação de demanda e alta dos preços das *commodities*, o economista prevê uma queda do dólar em relação ao real, inflação mais baixa e redução da taxa de juros, com recuperação do crédito.

“A mudança de eixo da economia mundial para a Ásia e para os países emergentes causará, nos próximos anos, novo ciclo de crescimento sustentado no Brasil, similar ao de 2003-2008. Fundamentos econômicos sólidos criam oportunidades excepcionais de negócios e ganhos de *market share* no Brasil”, disse o economista.

Amorim ressalva, porém, que setores dependentes de crédito (imobiliário, automobilístico, eletrodomésticos e eletroeletrônicos) e de renda agrícola terão um ano difícil, mas ótimas oportunidades nos próximos anos. O consumo de massa, segundo ele, continuará a crescer mais rapidamente do que resto da economia.